"OS FRUTOS DO PROGRESSO": ANÁLISE DE RACHEL DE QUEIROZ SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS PROMOVIDAS PELA MODERNIZAÇÃO CONSERVADORA.

Lia Mirelly Távora Moita[1]

RESUMO: O governo militar, no Brasil, possibilitou um processo denominado modernização conservadora, que promoveu um desenvolvimento econômico e tecnológico, gerando expansão industrial, urbanização, transformações na máquina do Estado, além de esboçar um impulso conservador no sentido de manter a ordem social, valores tradicionais e articular uma integração da sociedade brasileira. Dessa forma, à luz desse contexto histórico, essa pesquisa pretende analisar as crônicas de Rachel de Queiroz, publicadas na seção *Última Página*, da revista *O Cruzeiro*, e na seção política do jornal *O Povo*, entre os anos de 1964 e 1984. Sabe que a escritora, fenômeno literário dos anos 1930 e 1940, teve sua obra sombreada durante a ditadura militar por causa de suas relações de adesão com o governo e de declarações públicas polêmicas. No entanto, será igualmente levado em consideração o fato de ele ser considerada um sujeito múltiplo, cuja trajetória tem um percurso o qual se altera ao longo do tempo. Portanto, devemos compreender como a cronista viu, experimentou as mudanças na educação, na cultura, nos equipamentos urbanos, inovações tecnológicas e científicas.
PALAVRA-CHAVE: modernização conservadora, ditadura militar, Rachel de Queiroz, representações

ABSTRACT: The military government, in Brazil, enabled a process called conservative modernization, which promoted an economical and technological development, generating industrial expansion, urbanization, changes in State machinery, besides drafting a conservative impulse in order to preserve the social order, traditional values and coordinate an integration of the Brazilian society. Thus, according to this historical background, the present study intends to analyze the Rachel de Queiroz's chronicles, published in the section *Última Página* of the *O Cruzeiro* magazine, and in the politician section of the *O Povo* newspaper, between 1964 and 1975. It is known that the writer, literary phenomenon of the 1930s and 1940s, had her work shaded during the military dictatorship because of her adhesion relationships with the government and controversial public statements. However, it shall be also taken into account the fact that she is considered a multiple individual, whose trajectory has a pathway that changes over time. Therefore, we should comprehend how the chronicler observed, felt and experimented the changes of urban machines, technological and scientific innovations.
KEYWORDS: Conservative modernization, military dictatorship, Rachel de Queiroz, representations.

[1] Mestranda em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará – UECE e Professora Efetiva do Estado do Ceará. Email: liamoita@hotmail.com.

> A cidade bombardeada, transformada de repente naquela selva de pedra, onde não brota nada, só terror e miséria.
> Isso é bom para rebater o orgulho dos homens ante essas maquininhas que hoje são a razão de sua vida. Pensavam que eram deuses, que nada lhes era mais proibido? Pois neste seu paraíso de fios de arame e rodelinhas de latão, basta um pequeno descontrole de funcionamento para desmoronar tudo, acabar tudo. E se vão ver nus e inermes, num mundo inimigo, desconhecido, que eles deliberadamente ignoram [2] .

Esse olhar de desconfiança e ao mesmo tempo de conforto diante do mundo moderno, presente na epígrafe[3], é uma marca recorrente nas crônicas de Rachel de Queiroz, ao longo dos anos. Contudo, no centro das suas inquietações não só eram habituais suas descrenças da tecnologia, mecanização do cotidiano, velocidade e alterações nos costumes, mas também, seu encantamento diante dos benefícios proporcionados pelas construções modernas. Essa mescla, carregada de antíteses, entre a descrença e o fascínio, confere uma característica singular aos seus textos, que denotam uma cronista, que apegada ao passado, percebia o futuro cada vez mais irremissível.

Após sua morte em 2003, a escritora Rachel de Queiroz, uma das mais importantes intelectuais brasileiras do século XX, foi constantemente lembrada, não por suas críticas ou louvações ao progresso, mas por pesquisas acadêmicas que destacavam seus romances regionalistas, engajados com questões políticas e sociais, seus textos cujo conteúdo revelava sua ligação íntima com o sertão e pelas personagens femininas que denotavam uma preocupação da escritora com os avanços e retrocessos no processo de autorrealização da mulher. As protagonistas da escritora subvertiam a ordem diante de situações polêmicas para a época, como casamento, divórcio, maternidade e sexualidade. A própria autora se orgulhava de suas criações: “minhas mulheres são danadas, não são? Talvez seja ressentimento do que eu não sou e gostaria de ser”[4].

Ao contrário do que afirma acima, Rachel de Queiroz foi uma mulher à frente de sua época. Única escritora aceita como representante do movimento modernista, que escolheu segurar firme as “rédeas” do seu futuro, prescrevendo sua sorte afetiva, literária, profissional e política, além de praticar o ofício da escrita durante toda a sua vida. No entanto, a partir de pesquisas pessoais visando problematizar a obra da escritora, me deparei com um texto escrito no final dos anos 1990, pela professora Heloísa Buarque de Hollanda, que apresentava Rachel de Queiroz, até então, desconhecida por mim: figura de trajetória controversa, dona de declarações polêmicas, que primou por andar na contramão da História, uma vez que foi comunista no início

[2] QUEIROZ, Rachel de. “Os frutos do progresso”. In: QUEIROZ, Rachel de. *As Terras Ásperas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1993.
[3] A epígrafe é um trecho da crônica que dá nome ao artigo, *Os Frutos do Progresso*, presente no livro que compilou textos de Rachel de Queiroz, *As Terras Ásperas*.
[4] INSTITUTO Moreira Salles (org.) Cadernos de Literatura Brasileira nº 4. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1997, p. 26.

de carreira, trotskista durante o Estado Novo e se autodefiniu liberal de esquerda quando participou das confabulações que antecederam o golpe de 1964 e a posse de Castelo Branco. Por causa dessas incongruências políticas e ideológicas, "Rachel, o fenômeno literário dos anos 30-40, passa a ser subestimada pela nova geração crítica"[5], no momento que estava sendo estabelecido o cânone acadêmico dos estudos literários.

A ações e opiniões de Rachel de Queiroz que a alinharam, muitas vezes, às características da Ditadura Militar, garantiram essa omissão ou rejeição da sua obra no momento em que a crítica brasileira definia os cânones acadêmicos dos nossos estudos literários. Aprofundando a análise em todo trajeto da vida da escritora, elencando alguns aspectos importantes, como filha de latifundiários, militante do Partido Comunista, antigetulista e participante das confabulações que antecederam o golpe de 1964, motivada, em grande parte, pelo sentimento anticomunista, percebemos o quanto a escritora é marcada pelo conservadorismo e por incongruências políticas e ideológicas, mantendo, ao longo da vida, posturas e concepções, que, de certa forma, pareciam contraditórias.

O próprio período abordado nesse artigo, durante o governo militar, gerou ações que pareciam contraditórias no Brasil, produzindo ao mesmo tempo impulsos conservadores e modernizadores. Na verdade, essas ações não eram excludentes e sim complementares, já que o desejo modernizador implicava em um desenvolvimento econômico e tecnológico, gerando a expansão industrial, urbanização e mecanização do campo, transformações na máquina do Estado e o incentivo às atividades empresariais. Já o impulso conservador estava ligado à vontade de preservar a ordem social e os valores tradicionais, além de promover a integração da sociedade brasileira. Os textos de Rodrigo Patto Sá Motta são bastante valorosos para estudar esse processo de transformações no país, visando integrar diversos interesses sociais e econômicos, os quais estavam aliados antes mesmo do golpe de 1964. Segundo o autor, podemos entender, por meio de ações que pareciam paradoxais, que:

> O resultado das políticas modernizadoras colocava em xeque as utopias conservadoras, pois solapava as bases da sociedade tradicional ao promover a mobilidade social e urbana em ritmo acelerado: o sucesso econômico da ditadura abalava a ordem social defendida por alguns apoiadores [...] Por isso, em certos momentos, as demandas conservadoras foram contornadas, enquanto o autoritarismo sempre esteve presente nas práticas do Regime Militar. Além de útil para reprimir os inimigos ideológicos do regime, o aparato autoritário tornou-se instrumento, também, para a implantação da pauta modernizadora[6] .

[5] HOLLANDA, Heloísa Buarque de. O éthos Rachel. In: INSTITUTO Moreira Salles (org.) *Cadernos de Literatura Brasileira* nº 4, São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1997, p. 104.
[6] MOTTA, Rodrigo Patto. "A modernização autoritária – conservadora nas universidades e a influência da cultura política". In: MOTTA, R. P. S; REIS, D. A.; RIDENTI, M.; (org.). *A ditadura que mudou o Brasil*: 50 anos do golpe de 1964. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014, p.51.

O conceito modernização conservadora foi desenvolvido pelo norte-americano Barrington Moore Jr. a fim de explicar o processo de transformações econômicas que aconteceram de forma diferente em alguns países, os quais mesclaram tendências modernas a forças conservadoras. O desenvolvimento nesses moldes, no contexto do regime governado pelos militares no Brasil, contou com a aquiescência das classes sociais dominantes, interessadas em manter uma estrutura arcaica da sociedade. Sendo assim, o Estado militar contou com alianças sociais e políticas heterogêneas para consolidar seu papel de modernizador, uma vez que uniu em torno dele nacionalistas, liberais e conservadores. Esses grupos, com objetivos e peculiaridades diferentes no processo de aparelhamento do Executivo, exigiram, portanto, políticas contraditórias cujas foram implantadas ao mesmo tempo, inúmeras vezes. Os militares, se apropriaram de ideias reformistas e progressistas adaptadas a autocracia e a elite. Isso faz parte da tradição política brasileira, que:

> [...] fornece inovadora chave interpretativa para compreender elementos paradoxais e por vezes contraditórios do Estado autoritário. O argumento principal é que certos aspectos tradicionais do comportamento político (principalmente dos grupos dirigentes brasileiros) se reproduziram durante o regime militar, em especial a tendência à conciliação e à acomodação, estratégia utilizada para evitar conflitos agudos, e o personalismo, entendido como prática arraigada de privilegiar laços e fidelidades pessoais em detrimento de normas universais[7].

Pode-se, então, afirmar que o termo mais apropriado para o processo ocorrido no Brasil, na verdade, é “modernização autoritária conservadora”, de acordo com Motta (2014). O autoritarismo sempre esteve presente nas práticas repressoras dos militares, que mantiveram o cerceamento das liberdades democráticas e a manutenção da concentração de riquezas. Em meio a essas ações também ocorreram avanços liberais, relacionados às atividades econômicas, que precisavam de importação de tecnologias necessárias para modificar a ainda incipiente industrialização brasileira na década de 1960. Nas modificações modernizadoras havia um contrabalanço feito por forças retrógradas que apoiavam a manutenção da ordem e dos valores tradicionais, defendidos, geralmente, por religiosos, militares e intelectuais conservadores.

Assim, com suporte dessas informações preliminares, se pode afirmar que propósito principal desse artigo é investigar como Rachel de Queiroz[8], que morou boa parte da sua vida no Rio de Janeiro, viu e experimentou as transformações em decurso, proporcionadas pela “modernização autoritária conservadora”, desenvolvoda pela Ditadura Militar no Brasil, observando a cronista, não apenas pelos seus aspectos contraditórios, mas como sujeito múltiplo,

---

[7] MOTTA, Rodrigo Patto. *As Universidades e o Regime Militar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014,p.13.

[8] A escritora nordestina emigrou para o Rio de Janeiro em 1939, encontrando novas oportunidades profissionais e círculos literários. Foi de lá que ela escreveu grande parte das suas crônicas veiculadas em grandes veículos de informação, até mesmo quando se destinavam a imprensa cearense. No entanto, há alguns indícios de textos escritos, durantes suas férias, no sertão de Quixadá, no interior do Ceará.

cuja trajetória se alterou ao longo do tempo. Para isso, serão utilizadas as crônicas publicadas de forma exclusiva, na seção *Última Página*, em *O Cruzeiro*, de 1964 até o fechamento da revista em 1975. A partir de 1976 e até 1984[9], foram utilizados os textos reproduzidos no jornal *O Povo*, na página destinada aos assuntos políticos. Esses periódicos foram escolhidos graças aos duradouros laços afetivos e profissionais estabelecidos entre a escritora e as empresas de comunicação.

Para apreciar a modernização conservadora na ótica de Rachel de Queiroz, as suas crônicas, problematizadas e cotejadas pela análise historiográfica, ocupam uma posição de destaque nesse artigo. A partir da leitura de Pesavento (1997)[10], compreende-se que esse gênero, considerado a soma entre o jornalismo e a Literatura, é capaz de transmitir informações acerca das transformações de espírito e das mentalidades que permearam as ações da sociedade e a direção do país, pois ela é fruto das habilidades criativas do autor, somadas a sua vivência cultural e histórica. Assim sendo, os textos da escritora nos permitem compreender as reflexões, as críticas, as atribuições de valor e as experiências da cronista no momento de sua produção, tendo em vista que elas carregam as suas representações. Esse conceito, *representação*, categoria central da História Cultural, é uma construção a partir do real, portadora do simbólico, que envolve processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão. De acordo com Chartier:

> A História Cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e apreciação do real[11].

A crônica tem, em especial, a característica de encerrar em suas linhas a visão que o autor possui da *cidade – conceito*[12] que o cerca, as reflexões sobre o ambiente urbano, a contemporaneidade vivida, a aceleração do tempo que compõe a trama da escrita. Nos textos de Rachel de Queiroz, a urbe aparece em meio às metamorfoses geradas pela *modernização conservadora*, tanto nos aspectos físicos, como nas representações simbólicas, mesclando o horror ao encantamento em relação aos efeitos do progresso. Portanto, a cronista, por meio dos seus textos, transformou lugares em espaços[13], construindo, assim, uma cidade praticada.

---

[9] Não foram encontradas crônicas de Rachel de Queiroz publicadas no jornal *O Povo* em 1975 e no ano de 1985, por isso, esses anos estão ausentes na pesquisa. Para compor esses anos que ficaram ausentes e para preencher outras lacunas na escrita da autora, foram utilizados alguns textos dela veiculados no jornal carioca *Última Hora* e no *Diário Pernambucano*, também pertencente aos *Diários e Associados*, como a revista *O Cruzeiro*.

[10] PESAVENTO, Sandra J. "Crônica: Leitura sensível do tempo". *Anos 90*. Porto Alegre: UFRGS, n.7. 1997, p. 29-37.

[11] CHARTIER, Roger. *A História Cultural*: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 16-17.

[12] De acordo com Certeau (2000) a cidade- conceito seria um lugar de citações e apropriações, objeto de intervenções, mas sujeito sem cessar enriquecido com novos atributos: ela é ao mesmo tempo a maquinaria e o herói da modernidade.

[13] Ainda de acordo com Certeau (2000), em a Invenção do Cotidiano, lugares são delimitações geográficas estáticas e espaços são lugares praticados. Sendo assim, "a rua geometricamente definida por urbanismos é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido

Sabe-se também que as crônicas são formadoras de opinião. Uma vez que sua veiculação, pelas empresas de informação, pode gerar notícias que promovem ideias e imagens produtoras de determinados comportamentos e reações, que seriam convenientes para a lógica da modernização conservadora. De acordo com essa perspectiva, Rachel de Queiroz, através de seus textos nos periódicos, está inserida na metrópole com uma rotina semanal de pensar a cidade, junto com sua essência simbólica, pensada e materializada em obras modernizadoras. Dessa forma, a cronista, não só por meio de escritos, mas com engajamento político, se apropriava da revista *O Cruzeiro* e do jornal *O Povo* como forma de inserção social, prática que era ambiente de lutas e disputas pelo exercício do poder e do capital simbólico. Consequentemente, produzia práticas letradas, posto que "são realizações praticadas cotidianamente em prol do letramento, com a difusão de ideias e visões de mundo e de sociedade [...]"[14], que muitas vezes se aproximavam das ideias da Ditadura Militar vigente no Brasil.

A partir da análise das crônicas de Rachel de Queiroz, se pode observar o alinhamento da escritora, tanto com as transformações econômicas e educacionais de cunho liberais, como com a vertente conservadora, que desejava mais do que apenas o expurgo da esquerda revolucionárias e na corrupção do Brasil. A cronista da mesma forma que celebrava a modernização no país, se incomodava com as modernidades geradas pela mesma[15]. Especialmente durante o milagre econômico, os textos, exaltando as mudanças promovidas pelo governo, se multiplicaram, ganhando um aspecto, muitas vezes, de propaganda. Em *Recomeço*, a cronista exaltou as construções desenvolvidas por Médici. Esse assunto foi retomado em *Gôsto de Brasil*, que celebrava os avanços na indústria, nas exportações, obras de infraestrutura e educacionais, pautadas no crescimento econômico. Segundo ela:

> A exportação cada vez maior e mais diversificada, as marcas "Indústria Brasileira" ou "Made in Brasil" espalhadas pelas sete partes do mundo. Os problemas da educação sendo enfrentados e na maioria resolvidos ou em caminho de resolução. Essas obras, pontes e estradas e cais e hidrovias e escolas e usinas elétricas se expandindo por toda parte. O tal de Produto Nacional Bruto, a entidade mística dos economeses, esse, mesmo os técnicos mais pessimistas já não podem esconder que cresce a olhos vistos, queimando as estatísticas[16].

pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito" (CERTEAU, 2000, p.202). Dessa forma, se pode afirmar que Rachel de Queiroz construía uma cidade praticada, a partir de relatos de experiências vividas na urbe, organizava também espaços.

[14] CARDOSO, Gleudson Passos. *Práticas Letradas e a Construção do mito civilizador: "Luzes", Seca e Abolicionismo em Fortaleza (1873 – 1904).* Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Ceará, 2016, p.15.

[15] É importante destacar que a noção de modernidade de Rachel de Queiroz, se aproxima muito mais do que Marshall Berman chama de modernização, pois percebemos em suas crônicas, um entusiasmo com as transformações tecnológicas e infra- estruturais que dotam a cidade de novos equipamentos, promovidos pela ditadura militar. No entanto, a autora se mostra retrógrada com a alteração de padrões e costumes da população, fato que seria denominado de modernidade.

[16] QUEIROZ, Rachel de. Gosto de Brasil. *O Cruzeiro*. 15/09/70. p. 146.

O Produto Nacional Bruto (PNB) aumentou a uma taxa média anual de 10%, entre 1967 e 1973, e a indústria acompanhou esse crescimento. A economia cresceu e modernizou-se, permitindo a incorporação de nossos trabalhadores no negócio formal de trabalho e a consolidação de um mercado consumidor na classe média. As exportações de fato foram ampliadas, mas estavam concentradas em setores com baixo valor agregado, ou seja, produzidos por uma cadeia produtiva restrita, extensiva e de baixa tecnologia. Os setores mais dinâmicos da indústria, nas mãos das multinacionais, estavam voltados para o consumo interno.

No entanto, as crônicas de Rachel de Queiroz não captaram esses aspectos negativos desse processo, muito menos a concentração de renda e o arrocho salarial gerados por ele. Na verdade, o único aspecto inconveniente encontrado pela escritora era a ação dos opositores do governo, chamados por ela de "cassandras"[17], fazendo menção a passagem mitológica, por causa das suas previsões de catástrofes e desgraças para a ditadura. De acordo com ela: "Surpreendentemente foram acontecendo milagres. E a medida que os prodígios iam se operando, e o caos se compunha, eles não davam o braço a torcer e retiravam em ordem, dando sempre seus gritos de retaguarda [...]"[18] . A despeito da" torcida contrária", os textos seguiam elogiando os recém-alfabetizados do MOBRAL e as obras estruturais dos militares, os quais garantiam a integração nacional, desenvolvia portos e estradas para desafogar os gargalos produtivos das fábricas. A crônica *Balanço*, em dezembro de 1972, demonstrou a animação da escritora frente as transformações que se efetivavam no país:

> As exportações transbordam da pauta, os homens do dinheiro vêm com chapéu na mão oferecer mais, industrialização cresce, os corredores de produção se alargam, as estradas se multiplicam. Até Belém – Brasília, que confesso – no tempo em que a abriram-, muitos de nós supúnhamos fadada a ser engolida de novo pela mata, ano que vem já estará de asfalto de porta a porta. E já não chega a Transamazônica, vem agora a Perimetral, que irá estender um ramal de boa vontade até o Suriname. E as litorâneas no Nordeste e no Sul – podem jogar caminhão na praça que estrada não falta[19].

No governo Geisel, a escritora que quase sempre se mostrava desconfiada frente aos frutos da modernidade, se mostrou entusiasmada com a finalização do metrô no Rio de Janeiro. Rachel de Queiroz se deliciou com o fato de tomar um meio de transporte subterrâneo perto de sua casa e emergir, pouco tempo depois, velozmente transportada, no centro da cidade. Segundo ela, valeu a pena todos os incômodos com buracos, desvios de tráfego e tributos pagos. Além disso, dessa mistura de bonde e trem transportaria milhares de pessoas todos os dias e cumpriria

[17] Cassandra era uma jovem de magnifica beleza, fiel servidora de Apolo, que se apaixonou por ela e lhe ensinou os segredos da profecia. Assim, Cassandra se tornou uma profetiza. Porém, quando ela repudiou Apolo, ele tirou dela o dom de persuasão e, portanto, ela ficou desacreditada por todos.
[18] QUEIROZ, Rachel de. As Cassandras. *Diário de Pernambuco*. 09/10/1972. p. 3.
[19] QUEIROZ, Rachel de. Balanço de 1972. *O Cruzeiro*. 24/11/71. p. 130.

de forma fidelíssima os horários, a despeito de quem não acreditou que a obra seria concluída. A partir dessas considerações, concluiu que:

> Aliás, democracia é isso, transporte de massas, serviços para todos – metrô. Mas os esforços heroicos e obscuros que ele exigiu para chegar à realidade, os anos de espera, quando parece que nada de bem está acontecendo enquanto os homens se afadigam, lutando com a pedra, a água, a areia, o ressentimento geral e assim mesmo conseguem abrir a grande via de cimento e ferro, por onde nós e depois nós os nossos filhos iremos andar, com naturalidade e segurança sem nos lembrarmos no trabalho que ela deu, no admirável esforço que custou[20].

A modernização conservadora andava atrelada à Ideologia de Segurança Nacional, contida na Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento, que, de acordo com Maria Helena Moreira Alves (2005), foi um instrumento importante para a perpetuação das estruturas do Estado, destinadas a facilitar o desenvolvimento de recursos produtivos, a industrialização, uma efetiva utilização dos recursos naturais, uma rede de transportes e comunicação para integrar o país que era extenso, com regiões pouco habitadas, e, portanto, era necessário compensar a vulnerabilidade dos espaços vazios.

As obras estruturais, que garantiam a integração e desenvolvimento do país, eram aliadas a diferentes frentes de ação no meio da população, métodos especiais de propaganda psicológica e controle ideológico. O governo Médici, como já vimos, fez um amplo uso da propaganda política, enfatizando o crescimento econômico do país e sua capacidade de cumprir seu destino manifesto de grande potência. Os programas de desenvolvimento na região amazônica e no interior receberam enorme ênfase juntamente com a disponibilidade de bens de consumo, ao alcance da classe média, ajudada pela ampliação de crédito ao dispêndio. Não foram encontrados vestígios de que Rachel de Queiroz escrevesse de forma intencional e propagandística para Ditadura Militar. No entanto, ela não escondia, em seus textos semanais, a filiação com o projeto de formação do Estado de Segurança Nacional e, por isso, ela e outros intelectuais utilizaram seus textos para legitimar o crescimento contínuo e acelerado dos presidentes generais, aliado ao controle da população.

O Estado autoritário, nesse sentido, utilizou as políticas de modernização e propaganda, visando o apoio social e a desmobilização dos opositores. Sendo assim, é fundamental compreender os mecanismos que explicam o apoio à ditadura, sobretudo as estratégias e as políticas elaboradas pelo Estado para conquistar legitimidade. Um deles foi bastante citado e elogiado nas crônicas rachelianas. Tratava-se do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), criado em 1967, reunindo características assistencialistas e conservadoras com o

[20] QUEIROZ, Rachel de. Metrô. *O Povo*. 24/09/1978. p. 3.

objetivo de promover a educação continuada e a alfabetização funcional de adultos analfabetos. Apesar dos seus trabalhos só terem iniciado em setembro de 1970, pouco tempo depois, no final de 1972, a escritora Rachel de Queiroz já comemorava seus resultados: “[...] liquidamos os analfabetos a poder de MOBRAL, aumentamos as vagas no ensino, de alto a baixo, do ABC ao doutorado”[21].

O MOBRAL possuía orientação pedagógica e material didático organizados pelo governo e produzidos uniformemente para todo país, segundo os objetivos da integração nacional. Além disso, abrangia conteúdos esvaziados de caráter crítico e de problematização. Mas, apesar dos incentivos do governo em uma área estratégica, os seus efeitos logo foram percebidos, devido as altas taxas de evasão das salas de aula, instrução inadequada e o despreparo dos alfabetizadores. Em 1978, a escritora Rachel de Queiroz publicou uma crônica reconhecendo as dificuldades do projeto e apresentando os avanços dele no Nordeste. O texto admitia problemas nas estruturas físicas das escolas, na heterogeneidade dos alunos, na frequência irregular e na conclusão do processo de alfabetização. No entanto, a cronista ressaltou o suposto interesse do Executivo em transformar os sertanejos em pessoas críticas especialmente no período eleitoral para que não fossem manipulados pelas práticas clientelistas. Ademais, segundo ela, o homem do sertão, graças ao movimento, já conseguia assinar o próprio nome, conhecer e agrupar letras, ler números e fazer contas. Sendo assim,

> [...] como sertaneja que sou, reconheço a sua valia, a revolução que veio fazer dentro do fechado mundo dos analfabetos; trazendo os mais velhos para o estudo, mesmo que não consiga transformar em letrados, terá pelo menos ensinado a esses alunos a importância do ensino para seus filhos, o que não é benefício menor[22].

De qualquer forma, a modernização conservadora, a partir do seu eixo modernizante, beneficiou a educação, uma vez que promoveu a expansão de vagas na graduação, mudou a seleção nos vestibulares, melhorou os salários e a carga horária dos professores, incentivou à pesquisa, criou novas universidades estaduais e federais. Segundo Motta (2014)[23], os cursos de pós-graduação, entre 1964 e 1974, passaram de 23 para 400; o número de estudantes universitários, em um espaço de 15 anos, subiu de 140 mil para 1 milhão e 300 mil. Afinal, as escolas superiores eram percebidas como espaços privilegiados tanto para a utilização de ideias modernas, como para o experimento autoritário, uma vez que o regime militar promovia de forma simultânea a reforma e a censura. Sendo assim, a vertente conservadora combateu e censurou ideias de esquerda, criou as Assessorias de Segurança e Informação (ASI) a fim de

[21] QUEIROZ, Rachel de. A B C do Brasil. *O Cruzeiro*. 05/01/72. p. 130.
[22] QUEIROZ, Rachel de. O Mobral. *O Povo*. 25/06/1978. p. 3.
[23] MOTTA, Rodrigo Patto. *As Universidades e o Regime Militar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014, p.88.

espionar comunidades universitárias, além de censurar pesquisas, publicações e livros. Para estimular a propagação dos valores tradicionais, criaram disciplinas dedicadas ao ensino de moral e civismo e o Projeto Rondon.

Esse projeto, citado acima, estava associado ao conservadorismo à medida que tinha como principal objetivo acalmar o radicalismo dos jovens alunos, os atraindo para os valores moralistas, patrióticos e nacionalistas, convenientes ao regime militar. O principal motivo, no entanto, da Operação Rondon estava integrado "aos planos de interiorizar o surto modernizador e desenvolvimentista, por meio do deslocamento de estudantes e professores portadores de novos conhecimentos para áreas isoladas"[24]. É possível encontrar menção ao projeto em inúmeras crônicas de Rachel de Queiroz, nas quais ela convocava moços e moças para descobrir o Brasil, estimulando o que chamava de "febre exploradora, colonizadora e ocupadora", recrutando o governo para a importante função de "conquista ideológica e psicológica da tropa", que iria ocupar a região ainda despovoada. Ao mesmo tempo, segundo ela, o programa prepararia a mão de obra brasileira, aplicando conhecimentos adquiridos na faculdade, além de criar novas oportunidades de emprego. Em *Hora Decisiva*, a cronista resumiu esses objetivos, relatando que:

> Juntam-se, portanto, agora, as duas necessidades, criando a grande ocasião: pois se a mocidade pede emprego, suplica uma oportunidade – pelo seu lado o governo carece urgentemente de "tropa de ocupação" para as suas frentes de desenvolvimento. Está nisso a grande importância de iniciativas como o Projeto Rondon e o Projeto Mauá, que põem os moços em contato com as novas perspectivas do Brasil- o grande Brasil despovoado e silencioso. Abrir a essa mocidade novos horizontes, criar-lhe novo espaço vital. Esse é o significado especial das grandes frentes desbravadoras do governo – criar empregos, consumir mão de obra, dar terra e trabalho às novas gerações[25].

A crônica acima faz alusão também à Operação Mauá, outro programa do governo junto às universidades. O projeto tinha como principal objetivo apresentar "para os estudantes as grandes empresas em atuação no país, especialmente aquelas empresas do governo ou subvencionadas por ele [...]"[26]. Essa intervenção mantinha o foco no Brasil que dava certo, que progredia economicamente, responsável por um enorme avanço tecnológico no Brasil. Dessa forma, os dois projetos estavam filiados ao objetivo modernizador de progresso material, capacitando a mão de obra para as necessidades do desenvolvimento da economia, preparando elites administrativas, de tecnólogos e cientistas, fomentando lideranças intelectuais, além de incutir valores moralistas no ambiente universitário.

[24] MOTTA, Rodrigo Patto. *As Universidades e o Regime Militar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014,p.88.
[25] QUEIROZ, Rachel de. Hora Decisiva. *O Cruzeiro*. 08/09/71. p. 130.
[26] PORTUGAL, Niedja Lima Torres. *Estudantes em Movimento (Fortaleza, 1969 – 1979).* Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em História, Departamento de História, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: UFC, 2008, p. 70-71.

A partir dessas necessidades do país, Rachel de Queiroz publicou Professores Militares, ressaltando a importância deles no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), por ser uma faculdade de formação técnica da Aeronáutica "para ser uma verdadeira alma-máter dos estudiosos da tecnologia desenvolvida pelas ciências novas, responsáveis por admiráveis conquistas do progresso deste século"[27] (*O CRUZEIRO*, 1968, p.122). O texto, além de elogiar os cientistas militares que lecionam nos cursos universitários, importantes na formação cidadã dos soldados, denunciava a "exportação de cérebros" nacionais para os Estados Unidos e Europa, atraídos por altos salários e facilidades de pesquisa. O que a escritora não menciona é que esses técnicos e científicos saíam do Brasil, pois eram vítimas da repressão do "Desenvolvimento com segurança". De acordo com Motta (2014), o expurgo não foi maior, porque o Estado autoritário colocou em primeiro plano os laços pessoais, encobrindo os compromissos políticos e afinidades ideológicas.

Na crônica *Rondon, Mauá e Capistrano*, a escritora propôs a formação de um novo plano, que também utilizaria a mão de obra universitária, mas dessa vez, do curso de História. Tratava-se do projeto *Capistrano de Abreu*, no qual os estudantes desvendariam o Arquivo Público Nacional, no Rio de Janeiro, e, assim, "habituar nossa mocidade estudiosa a lidar com a matéria-prima básica de qualquer estudo histórico, que são os documentos de arquivo". Sendo assim, podemos observar uma possibilidade de desviar a atenção dos alunos, da área de humanas, dos estudos críticos para a escrita de uma história que ressaltasse o nacionalismo e os grandes nomes da história brasileira, a partir de temáticas sugeridas por Rachel de Queiroz, as quais envolviam a "vinda da família real portuguesa para o Brasil", o "Príncipe Regente", "fidalgos portugueses" e até "D. Carlota Joaquina".

Dessarte, o domínio da cultura tornou-se um espaço estratégico para a Doutrina de Segurança Nacional e, por isso, era necessário discipliná-lo. De acordo com Ortiz (2015)[28], o manual básico da Escola Superior de Guerra deixava claro que a cultural não deveria ser reprimida, mas desenvolvida, desde que fosse submissa ao governo militar. Para isso foram criados inúmeros órgãos cujos incentivavam às políticas dos militares, tais como Embratel, o já citado Conselho Federal de Cultural, Embratur, Embrafilme, Telebrás e Funarte. Em 1978, Rachel de Queiroz publicou *Notícia e Louvação merecida* para elogiar as ações da Fundação Nacional da Arte (Funarte), a qual tinha como principal objetivo a criação e difusão no campo das artes. Segundo a cronista, esse órgão que crescia e "avança, ocupa cada vez maior espaço

[27] QUEIROZ, Rachel de. Professores Militares. *O Cruzeiro*. 27/01/68. p. 122.
[28]. ORTIZ, Renato José P . "Revisitando os tempos dos militares". In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá; REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; (org.). *A ditadura que mudou o Brasil*: 50 anos do golpe de 1964. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

cultural, levando o cinema, teatro, música, folclore, artes plásticas, todos os desdobramentos da atividade artística pela vastidão do Brasil [...]" (*O POVO*, 1978, p.3).

No texto é bastante perceptível a animação da escritora com o projeto que tinha como objetivo valorizar a cultura brasileira nas mais diferentes expressões artísticas, especialmente na música, levando a Música Popular Brasileira (MPB) a um público, que por causa do preço, não tinha acesso aos espetáculos. Ademais, à medida que o programa englobasse canções e compositores consagrados, financiasse eventos e festivais para uma plateia de universitários, o governo controlaria uma área consagrada na crítica contra a ditadura militar e despolitizava o conteúdo produzido por eles. Como determinou Rachel de Queiroz: "Será como uma nova era musical para multidões", ocupando um espaço tomado pelos Festivais da Canção que reuniam milhares de jovens que, muitas vezes, viam nas letras das composições a possibilidade clara de criticar o regime político implantado no país.

Outra criação da Ditadura Militar, pautada na Doutrina de Segurança Nacional e de Desenvolvimento, lembrada e elogiada pelos textos de Rachel de Queiroz, foi o Instituto Nacional do Livro (INL). A escritora explicou que o processo pelo qual se possibilitava o barateamento do livro literário, técnico, didático, abrindo a perspectiva revolucionária, segundo ela, na educação nacional. A partir dele, segundo a explicação da autora, o editor submetia o material para ser editado ao INL, que "encaminha o livro à comissão de leitura – mas não é comissão burocrática de banquinho de repartição [...] se aprovada a qualidade literária, o livro será publicado em convênio entre o editor e o INL"[29]. Essa delegação que avaliava as obras era formada por velhos conhecidos da cronista e pertencentes ao CFC e ABL, como Adonias Filho e Octávio de Farias. A partir dessa caracterização feita por ela, podemos perceber o papel do Estado autoritário de apoiar a iniciativa editorial, incentivar o setor privado, reservando-se o poder de veto às obras contrárias aos seus objetivos. Posto isto:

> Muitas vezes, nos pareceres, os vetos por motivos ideológicos apareciam sob a justificativa formal e criteriosa do Instituto, estabelecendo um novo patamar de relação com editoras privadas no regime militar[30].

Em 1982, a escritora abordou, em seu texto semanal, mais um aspecto do campo artístico-cultural do Estado autoritário. Tratava-se da Empresa Brasileira de Filmes Sociedade Anônima (Embrafilme), que possuía objetivos alinhados à modernização conservadora, na medida em que estimularia a produção de obras cinematográficas, educativas e culturais, além da montagem de

[29] QUEIROZ, Rachel de. A Revolução do INL. *Diário de Pernambuco*. 24/11/1971. p. 3.
[30] GALUCIO, Andréa Lemos Xavier. A Política editorial do Instituto Nacional do Livro no Regime Militar. In: II Seminário Internacional de Políticas Culturais, 2011, Rio de janeiro. Anais do II Seminário Internacional de Políticas Culturais, 2011, p.6. Disponível em: http://culturadigital.br/politicaculturalcasaderuibarbosa/publicacoes/anais-do-vii-seminario-internacional-de-politicas-culturais/. Acesso em: 03/09/2017.

filmes para a televisão sobre temas brasileiros. No entanto, no momento em que a crônica foi escrita, a Embrafilme passava por dificuldades para financiar as obras nacionais. Dessa forma, Rachel de Queiroz deslocou astuciosamente o problema que era do governo para os produtores, acusados, por ela, de produzir um cinema artesanal, incapaz de se tornar independente. Por conseguinte, "a independência de expressão é aspiração maior de todo artista. Mas para estar independente é preciso primeiro ser independente. Não trabalhar às custas da subvenção de um mecenas, seja um governo ou um bilionário".[31] Criticando as acusações que os ditadores sofriam pela implantação da censura, a cronista ponderou que o Executivo Federal, como mecenas, tinha o direito de intervir na temática das películas e escolher de forma criteriosa o que seria veiculado. A autora demonstrou total aceitação dessa prática do "quem paga, manda", como podemos observar a seguir:

> O dilema do dilema do cinema nacional, afinal, de contas, se resume só a isto: enquanto a nossa indústria cinematográfica não segurar nas suas próprias pernas e puder subsistir assistida por subsídios do Governo, via Embrafilmes, esse cinema terá que se submeter aos parâmetros exigidos por quem custeia: esse é o direito que se arroga o mecenas[32].

O governo militar, dessa forma, estimulou as produções culturais – nas editoras, jornais, teatro, cinema, revistas, programas de televisão e empresas radiofônicas - para fazer uso dos meios de comunicação na reprodução do seu discurso que incentivava à integração nacional e a disseminação de princípios ligados à moral e os bons costumes. Da mesma forma, agia como regulador autoritário, capaz de intervir nos conflitos, identificando e punindo os subversivos, além de utilizar a censura para corrigir os excessos cometidos. Destarte, foi consolidado, pela primeira vez, um mercado de bens simbólicos no Brasil e o fato que melhor caracterizou o advento da indústria cultural foi o desenvolvimento da televisão. Rachel de Queiroz descreveu o encantamento produzido pela disseminação dos aparelhos de TV pelo Brasil:

> Da Tv, propriamente, ninguém pode falar mal. Antes de tudo porque televisão é realmente um estupendo milagre, uma invenção maravilhosa, a que só a sensibilidade embotada do homem moderno não sabe dar o devido valor [...] Mas vem o que acontece naquele momento, presenciar, testemunhar; no instante exato em que o fato sucede – isto é que é a grande mágica[33].

A televisão, segundo a escritora, levava conforto, diversão e informação aos brasileiros, em especial a idosos e crianças, à medida que integrava à vida privada do público inúmeras possibilidades de entretenimento. A telenovela, escolhida como produto por excelência da

[31] QUEIROZ, Rachel de. O cinema e o mecenas. *O Povo*. 18/04/1982. p. 4.
[32] QUEIROZ, op.cit., p4.
[33] QUEIROZ, Rachel de. Televisão. *O Cruzeiro*. 31/03/71. p. 146.

atividade televisiva, dominava uma grande audiência nesse meio de comunicação, afinal, "é literatura, é teatro, é cinema – tudo junto na sua sala"[34]. Portanto, esse gênero adaptado à Tv, transformado em produto de massa pela indústria cultural que se estabelecia no país, canalizou toda dramaturgia em narrativas sobre a vida cotidiana, com possibilidades de uso da fantasia nas histórias e de finais felizes, como promessas de felicidade.

A partir do que foi apresentado, percebemos a escritora Rachel de Queiroz, bastante alinhada às propostas da modernização conservadora que estava pautada da Doutrina de Segurança e Desenvolvimento do governo militar. O Gosto de Brasil cujo ela representa é o do país que crescia em grandes obras estruturais, as quais interligariam diversas regiões do seu território a fim de aproximar uma população cada vez mais contente com a dinâmica do governo dos generais. A escritora representava confiante a sensação de ser brasileiro, pois o país também investia na educação e cultura, embora limitadas pelos padrões da censura, que se desenvolvia na formação de um cidadão atento às questões realmente importantes para a nação naquele momento, de acordo com sua percepção.

A escritora que elogiava as maravilhas do mundo moderno, promovidas naquele momento pela ditadura militar, também se mostrava incomodada com os efeitos da modernização dos equipamentos urbanos. Mesmo vivendo há décadas no Rio de Janeiro, Rachel de Queiroz guardava o Sertão como sua morada espiritual e era com um olhar de sertaneja, que envelhecia em uma grande metrópole, na qual ela vivenciava e, muitas vezes, rejeitava a atmosfera de agitação, expansão de possibilidades e de experiências, de superação das barreiras morais e comportamentais que se ofereciam nas grandes cidades. Esse sentimento dúbio diante do novo era tão marcante na cronista, que foi lembrado por seu sobrinho neto, Flávio Queiroz Solek, no prefácio de um livro de crônicas, divulgado pela editora Demócrito Rocha:

> O centro da sua preocupação é o mundo moderno: a sua descrença na tecnologia e o seu desconforto com a velocidade contemporânea são ambíguos, pois, por vezes, surge um deslumbramento com alguma máquina ou com alguma facilidade da vida moderna, como é o caso do helicóptero, que lhe traz fascinação por se assemelhar a um passarinho, que plana e evolui durante o voo. Para depois surgir o automóvel, como máquina que destruiu o modo de viver tradicional. Essa mescla de descrença e fascínio dá ao seu conservadorismo um om especial de alguém que saudoso do passado, contempla a inevitabilidade do futuro[35].

Sendo assim, há um predomínio das crônicas marcadas pelo conservadorismo, que criticam os efeitos do progresso e a obsolescência dos equipamentos urbanos, ao todo somando 54. Do contrário, 22 textos se afinavam às transformações promovidas pela modernização

[34] QUEIROZ, op.cit.,p. 146.
[35] SALEK, Flávio de Queiroz. Prefácio. In: *Existe outra saída, sim*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007, p. 6-7.

conservadora, até porque, como já foi visto, ela carregava um conteúdo regressista, ditado pela Doutrina de Segurança e Desenvolvimento, viso como correto pela cronista. Além disso, muitas vezes a mesma publicação que elogiava as transfigurações, apontava, também, inúmeras limitações dela. No tópico anterior, foi visto os elogios feitos a TV no Brasil e suas inúmeras possibilidades. No entanto, Rachel de Queiroz observou que não havia apenas aspectos positivos relativos ao televisor no Brasil, uma vez que ele também era capaz de viciar as crianças, as mantendo imóveis em frente aos aparelhos, durante horas. Além de um passatempo inocente, ela poderia promover a circulação de imagens relativas à "[...] crueldade, perfídia, assalto, brutalidade, sexo (não o simples e limpo sexo que é sinônimo de amor), mas prostituição, violência carnal e matanças de guerra e sadismo, tudo isso aparece na tela de casa [...]" [36].

Na crônica *TV*, publicada no *Diário Pernambucano*, Rachel de Queiroz afirmou que quando a televisão passou a ser operada no mundo, as suas possibilidades geraram um grande fascínio nela. Entretanto, nenhuma delas foi comprovada e, por isso, naquele momento o que havia era uma incompatibilidade entre a autora e o equipamento. "[...] o que se vê é jornal de cinema enlatado, que não pode ou não quer aproveitar as possibilidades da imagem instantânea captada pela câmera" [37]. Ademais, o cinema na TV era mutilado pelos comerciais e desfigurado pelas dublagens. As novelas também, fragmentadas pelos anúncios e com os capítulos esticados, faziam perder o interesse pelo programa.

Em *Mundo Cão*, em *O Povo*, a escritora contou uma história de um suposto homem, que cansado das desgraças veiculadas na mídia, destruiu o televisor com dois tiros. Utilizando esse fato, que presumivelmente leu no jornal, ela ponderou que "serão os meios de divulgação que, na sua procura de sensacionalismo, dão proporção descabida à onda catastrófica que parece assolar o mundo [...]" [38]. Ela inclusive reclamou a necessidade de imagens bonitas e positivas na TV, frente a tantas publicações de desgraça, embora concordasse que "acontece que nesse mundo, o ruim é regra geral. Não há conquista do progresso que não pague um tributo terrível aos deuses ferozes que espiam lá de cima"[39].

Além da programação, muitas vezes, imprópria para as crianças, violenta ou enfadonha para os adultos, a cronista aludiu também os "comerciais excitantes", ricos em "mensagens subliminares", ávidos por conquistar o mercado consumidor em potencial, já que o hábito de ver televisão se disseminou por todas as classes sociais. Sendo assim, o setor publicitário cresceu e se especializou, aliado ao crescimento das emissoras televisivas, transformando-as em

[36] QUEIROZ, Rachel de. A lei da selva. *O Cruzeiro*. 07/04/71. p. 154.
[37] QUEIROZ, Rachel de. Notícias de Jornal. *Diário de Pernambuco*. 05/05/1973. p. 3.
[38] QUEIROZ, Rachel de. Mundo cão. *O Povo*. 17/12/1980. p. 4.
[39] QUEIROZ, op.cit.,p.4.

importantes fontes de lucro por meio da divulgação de propagandas comerciais. Rachel de Queiroz acompanhou desconfiada o fortalecimento desse setor, também, em 1972 na crônica *Publicidade*, na qual afirmou que:

> [...] A Publicidade é hoje supostamente uma ciência. Mas dessas ciências que funcionam na base de uma arte – no caso a arte de vender-, dependendo mais de conjeturas do que de dados concretos e mais filha do empirismo que da matemática[40].

A escritora parecia não acreditar em uma área que se expandia junto com o desenvolvimento da indústria cultural, embasada na pesquisa de mercado, em critérios objetivos e científicos para dimensionar matematicamente as pretensões dos clientes. "Os ditames da publicidade se fazem de acordo com as presumidas reações do público, do que está na onda, do que se supõe que todos querem [...]" [41]. Dessa forma, a autora sempre tão deslumbrada com as transformações, incentivadas pelo governo militar, que modernizavam o Brasil, não via com bons olhos as ações que visavam estimular a produção de padrões de consumo moderno e a uniformização dos interesses, ajustados à produção industrial.

Dessa forma, a partir da análise das crônicas de Rachel de Queiroz, ao longo de toda ditadura militar, percebemos que não podemos compreendê-las como um sujeito linear, o qual apoiou continuamente todas as ações modernizadoras promovidas pelo Executivo. Inúmeras vezes percebemos uma mulher nordestina que envelhecia no Sudeste, lugar do seu exílio profissional, se mostrando conservadora frente às consequências das metamorfoses urbanas. Esse aspecto dúbio da escritora, em meio à modernização conservadora que se efetivava em diversos aspectos, podem ser compreendidos à luz da afirmação de Marshall Berman, que ressalta os paradoxos das experiências com a modernidade:

> Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos [...] Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança de luta e contradição, de ambiguidade e angústia[42].

Em *O Homem e o Tempo*, a escritora relatou que a aceleração da vida cotidiana, provavelmente promovida pela intensificação da industrialização, mecanização e urbanização que evoluía, transformando a compreensão do tempo vivido na modernidade em um momento efêmero, insuficiente para efetuar todas as atividades que são de fato importantes para a

[40] QUEIROZ, Rachel de. Publicidade. *O Cruzeiro*. 02/02/72. p. 130.
[41] QUEIROZ, op. cit., p.130.
[42] BERMAN, Marshall. *Tudo que é solido desmancha no ar*: a aventura da modernidade. SP: Companhia das letras, 2014, p.24.

formação da humanidade. Até porque, "o trágico da vida do homem moderno é que ele não é feito para o ritmo que sua existência atual lhe exige, mas para o ritmo que sua existência atual lhe exige, mas para o tranquilo, sereno ritmo dos tempos de dantes"[43]. Segundo Rachel de Queiroz, o ser humano vive encurralado no seio do progresso que ele mesmo criou, sendo engolido pela engrenagem das máquinas projetadas por ele, semelhante ao filme *Tempos Modernos* de Charles Chaplin. Afinal, "o problema do capitalismo é que, aqui como em qualquer parte, ele destrói as possibilidades humanas por ele criadas"[44]. Nesse processo, os homens podem inclusive abandonar a capacidade de se adaptar às suas próprias criações. Assim, a cronista relatou que:

> Eu tenho a impressão de que um progresso realmente assimilável pelo homem seria um progresso que funcionasse de dentro para fora, quer dizer, se o homem mesmo, o seu corpo, a sua carne, participassem do progresso. Mas nós sabemos inventar elementos exteriores que nos transportam, nos elevam no ar, nos afundam, nos cegam, nos deslumbram, sem nada penetrar a nossa essência física, sem sequer melhorar a nossa constituição corporal [45].

Afirmando sempre sua incompatibilidade com os efeitos do progresso, Rachel de Queiroz, diversas vezes, escreveu sobre o crescimento das cidades, as experiências do homem "metropolizado", permeado pelas mudanças na estrutura urbana, na arquitetura, nos meios de comunicação e de transporte, que ampliaram a circulação de informações. Diante de todas as transmutações, a escritora lamentava a "cidade de concreto que se erguia na cidade de taipa", promovendo a mutilação de um passado de alvenaria e de muitos relatos históricos que ainda persistia, desafiando a evolução que se efetivava. Assim, a cronista utilizou a sua escrita, em *Passado & Presente* e *As heranças do Passado* para solicitar dos governantes a preservação da memória, mantendo o equilíbrio entre as exigências da modernização e a manutenção dos marcos remotos. Dessa forma:

> Uma avenida larga, facilitando o trânsito, é conveniência indispensável numa cidade moderna; mas tracemos as avenidas deixando nos seus lugares as belas coisas antigas: coexistência do passado com o presente – eis a fórmula de sabedoria do prefeito urbanista, como do prefeito governante.
> Uma nação precisa de seu passado, como um homem precisa de sua identidade[46].

Tendo em vista que as cidades se metamorfoseavam rapidamente, nesse movimento de modernização, Rachel de Queiroz escreveu duas crônicas ressaltando o impacto de sair do Sertão cearense, da sua propriedade "Não me Deixes nos períodos de descanso, e reencontrar a

[43] QUEIROZ, Rachel de. O homem e o tempo. *O Cruzeiro*. 17/06/67. p. 122.
[44] BERMAN, Ibidem, p. 119.
[45] QUEIROZ, Rachel de. Op. Cit., p. 122.
[46] QUEIROZ, Rachel de. As heranças do passado. *O Cruzeiro*. 27/10/71. p. 130.

megalópole do Rio de Janeiro, que lhe acolhera há tantos anos como moradia. Em *Cidades*, no ano de 1978, ela narrou a apreensão e a "odisseia" que era sair de casa, passando por túneis, viadutos e por inúmeras situações de violência típicas das grandes cidades. "Tudo ficou fora de proporção para você e daí nada mais é viável- andar, estacionar, ir a lugar nenhum. Dantes tudo era fácil. Hoje você planeja um cinema como uma operação de guerra" [47]. Essa descrição mais uma vez é assemelhada às palavras de Berman (2014) ao discorrer sobre as sensações de Marx diante das facetas da vida moderna, as quais levavam a sentir que participamos da ação, lançados na corrente, arrastados fora de controle e ao mesmo tempo, confundidos e ameaçados pelas novidades que se impunham em cada local.

O texto *Rio de Janeiro*, de 1982, falava do enjoo da escritora ao encontrar a urbe carioca, todas as trepidações e barulhos de milhões de pessoas usufruindo do espaço, movendo máquinas, esquentando motores e usando buzinas. Novamente ele abordava as dificuldades de realizar atividades simples em meio ao pandemônio citadino que dobrava as distâncias e impunha uma espécie de ritual para não se submeter aos riscos da metrópole. Sendo assim, a cronista concluiu que:

> Temerário é o diário heroísmo dos que vão à luta, que correm o risco de participar. Sair para a rua, enfrentar as máquinas, afundar no formigueiro das outras pessoas, perder a identidade, ser absorvido, digerido, metabolizado para confusão e pelo número, virar unidade indistinta quando não se for simplesmente esmagado e destruído[48].

O crescimento das cidades, por causa da urbanização acelerada, que gerou consequências negativas para população, foi uma temática recorrente nos textos de Rachel de Queiroz, especialmente entre os anos de 1971 e 1972, quando o Brasil vivia o auge do milagre econômico. As crônicas, em geral, denunciavam as precárias condições de vida oferecidas pelas grandes metrópoles, as quais ocasionava desemprego, aumento da violência, problemas no trânsito, especulação imobiliária e poluição ao meio ambiente. No entanto, em *Megalópole*, contrariando as crenças que exprimiam os "desejos do seu coração", de uma vida mais pacata, ela afirmou que o homem gostava mesmo era de viver em grandes aglomerados urbanos. Afinal:

> Vê-se aquele horror de pessoas amontoadas nas horas de rush nos trens da Central – é horror sim, mas logo se descobre que o homem gosta daquilo. Senão dava um jeito. Não deu para coisas mais difíceis?[49]

Mas, apesar da necessidade de viver amontoados em espaços urbanos, não é um espírito de coletividade que se desenvolvia entre as pessoas, pelo contrário, quanto mais as cidades cresciam, mais o homem se fechava no seu ambiente, alheio a quem vivia a sua volta, rompendo

[47] QUEIROZ, Rachel de. Cidade. *O Povo*. 01/10/1978. p. 3.
[48] QUEIROZ, Rachel de. Rio de Janeiro. *O Povo*. 13/06/1982. p. 4.
[49] QUEIROZ, Rachel de. Megalópole. *O Cruzeiro*. 24/03/71. p. 146.

os laços de solidariedade com a vizinhança. Semelhante ao que Simmel pensava *em A metrópole e a vida mental* (1967), ressaltando o distanciamento nas relações afetivas, com afinidades mecânicas voltadas para objetivos específicos e feitas através da moeda. Sendo assim, "O desenvolvimento da cultura moderna é caracterizado pela preponderância do que se poderia chamar de o *espírito objetivo* sobre o *espírito subjetivo*" [50]. Essa temática foi inicialmente abordada em *A Lei da Selva*, que discorria, também, a respeito da expansão da urbe e da construção de prédios imensos que reunia centenas de moradores. No texto, Rachel de Queiroz constatou que:

> Mesmo como cresceu um organismo são, antes absurda e desordenadamente como cresce, Deus me perdoe, um câncer. E sem poder crescer indefinitivamente na horizontal, devido aos problemas de terreno e transporte, começaram as cidades a crescer na vertical [51].

O desenvolvimento da construção civil, em meio à modernização conservadora, se fortaleceu, especialmente, graças a programas governamentais, como o Banco Nacional de Habitação (BNH) e o Sistema Financeiro de Habitação (SFH). De acordo com Teresa Pires do Rio Caldeira, grandes empresas de incorporação imobiliária tomavam dinheiro emprestado do SFH para construir, especialmente, grandes edifícios, que seriam vendidos com o financiamento do BNH para a classe média. Posto isto:

> Especialmente durante a década de 79, os anos do milagre econômico, o BNH (associado a grandes incorporadoras) desempenham um papel fundamental no mercado imobiliário [...] considerando-se que 63% das unidades financiadas pelo SFH entre 1970 e 1974, eram para o assim chamado mercado médio (isto é, para a classe média), 25% para o mercado popular (Rolnik et al. S.d.:111), não é difícil concluir que os prédios de apartamentos eram moradias de classe média[52] .

Dessa forma, cresciam nas metrópoles a construção de arranha-céus que reforçavam o espírito individualista da população, uma vez que os indivíduos iam perdendo a identidade no meio da multidão. A escritora Rachel de Queiroz não esqueceu de mencionar que "se ricos e remediados se acomodaram à morada coletiva nos apartamentos, os pobres, os emigrantes atraídos do campo pelo mercado de trabalho que a explosão urbana proporciona"[53] . Por conseguinte, segundo ela, esse fluxo emigrador ampliou o caos citadino, uma vez que gerou a formação de favelas, onde as camadas menos favorecida se aglomerava em barracos erguidos "literalmente uns por cima dos outros", sem condições higiênicas e originando "marginais e fora-da-lei". A julgar pela recorrência da temática nos textos rachelianos em todo o período analisado,

50 SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. p. 22.
51 QUEIROZ, Rachel de. A lei da selva. *O Cruzeiro*. 07/04/71. p. 154.
52 CALDEIRA, T.P. do R. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: EDUSP/Paralelo 34, 2000, p. 226.
53 QUEIROZ, Rachel de. Megalópole. *O Cruzeiro*. 24/03/71. p. 146.

de fato a criminalidade aumentava nos grandes centros urbanos. Embora a cronista não tenha aprofundado os fatores geradores dessa situação, sabemos que a modernização conservadora gerou cada vez mais concentradores e excludentes no que se refere às riquezas e poder político. Essa conjuntura refletiu uma explosão no número de transgressões e para ampliar a inquietação na vida cotidiana da escritora, surgiram as ações dos "terroristas". Segundo Rachel de Queiroz:

> Dantes, os criminosos comuns contavam apenas com as suas fracas luzes de homens incultos, levados ao mal por tara ou miséria. Mas eis que surgem os terroristas, intelectuais e ideólogos, muitos de nível universitário, pondo ao serviço dos crimes mais abomináveis técnicas modernas e sofisticadas, elementos de logística militar, cálculos matemáticos de tempo e espaço, testes de apoio e preparação anterior, recursos de psicologia aplicada. E deram assim, lições práticas de crime moderno aos criminosos "não ideológicos", que logo souberam aproveitar, conforme se está vendo[54].

Provavelmente, em *A Lei da Megalópole*, a escritora estava se referindo à guerrilha urbana, que ainda persistia, em 1972, promovendo assaltos a banco e sequestros, para promover tensão política, insegurança contra as classes dominantes, além de fomentar a luta contra a ditadura militar. De fato, a julgar pela ideologia de esquerda, que embasava as ações, o *Manual do Guerrilheiro Urbano,* as práticas passavam a seguir uma orientação logística mais complexa, mas que muitas vezes foi exagerada para alimentar uma propaganda contrária a conduta dos seguidores do capitão Carlos Marighela.

No entanto, não eram apenas as atitudes fora da lei que amedrontavam Rachel de Queiroz. Problematizando seus textos, podemos percebem que seu medo estava relacionado a todos os efeitos da modernização e progresso, demonstrando que por trás dos equipamentos gerados pelos avanços tecnológicos, existe o medo do novo, dos perigos de uma natureza, que não se adaptava às mudanças e, principalmente, as obras "faraônicas". Em *O Desastre*, a autora lamentou o desabamento do viaduto do rio Comprido, em construção na avenida Paulo de Frontim, Rio de Janeiro. A publicação reafirmou sua descrença frente aos avanços na engenharia e nas ciências de última geração, que cegos, pela audácia criativa, desafiavam a vontade de Deus e colocava a vida das pessoas em risco. Portanto, a cronista confessou que:

> Ainda mais eu que detestei progresso, suas pompas e suas obras. Se eu mandasse no mundo, a gente ainda viveria devagar, somente com uma seleção discreta de invenções, aquelas mais compatíveis com a nossa carne fraca, as que dão mais conforto ou poupam mis dores. Nada dessas audácias espetaculares, que parecem até tentar a Deus, esta corrida desenfreada que encanta, deslumbra e perde de orgulho o homem moderno[55].

[54] QUEIROZ, Rachel de. A lei na megalópole. *O Cruzeiro*. 29/03/72. p. 130.
[55] QUEIROZ, Rachel de. O desastre. *O Cruzeiro*. 08/12/71. p. 130.

Rachel de Queiroz que muitas vezes, em meio ao milagre econômico, celebrou a indústria automobilística em suas crônicas, apresentou o reverso desse avanço em *Automóveis*. Com um tom de preocupação, a escritora denunciou que os milhares de carros despejados pelas fábricas geravam intermináveis congestionamentos em ruas e avenidas, que eram alargadas e multiplicadas o tempo todo, mas nunca alcançava a marcha vertiginosa da multiplicação dos veículos. Sem falar na poluição nos grandes centros urbanos, gerada pelo motor de combustão interna. Além disso:

> [...] sabe-se ademais que o gás carbônico por eles secretados, sendo mais pesado do que o ar, não tem tendência a perder-se no alto da atmosfera, fica ali por baixo, esperando para ser absorvido[56].

As críticas de Rachel de Queiroz foram escritas no auge do milagre econômico, quando o governo promoveu a expansão do crédito para assalariados médios, permitindo que a classe média consumisse bens duráveis, em especial, os automóveis. A indústria automobilística triplicou, trazendo resultados indesejáveis, já conhecidos da população e a deterioração ecológica. Mesmo gerando uma crítica indireta às práticas do governo militar, as quais incentivavam ao consumo e a circulação de carros, a cronista não sofreu repressão dos órgãos oficiais, mas sim de um suposto leitor, um ano depois dessa publicação. Em *Cavalo versus Automóvel*, a escritora persistiu descrevendo os incômodos gerados pelos veículos, entretanto, comparou os efeitos do motor de explosão aos transportes guiados por cavalos. Guardando as devidas proporções, ela chegou à conclusão que ambos poluíam o ambiente, obstruíam ruas, atropelavam pedestres e geravam muito barulho. Sendo assim, seria necessária outra alternativa, diferente das atuais e as do passado, deveria ser utilizada para resolver o caos no trânsito carioca. Afinal:

> O Rio atual tem seis milhões de habitantes; para uso desses seis milhões, os animais necessários à tração de ônibus e carros e à montaria pessoal (como acontecia no tempo de D. Pedro II) podem-se calcular num mínimo de meio cavalo por pessoa. Teríamos, então, trafegando pela cidade, três milhões de cavalos[57].

Na verdade, não foi apenas a indústria automobilística, que recebeu críticas de Rachel de Queiroz. A industrialização acelerada e a produção de tecnologia que era despejada nos mercados em expansão, acabou tomando conta do cotidiano das pessoas e as tornando dependentes dessas máquinas. A escritora aprofundou sua análise, explanando que a intensa mecanização podia limitar a inteligência do homem, que precisava ser exercitada para não

[56] QUEIROZ, Rachel de. Automóveis. *O Cruzeiro*. 24/11/71. p. 130.
[57] QUEIROZ, Rachel de. Cavalo x Automóvel. *O Cruzeiro*. 11/10/72. p. 130.

atrofiar. Além disso, o excesso de equipamentos no trabalho, "modernos monstros elétricos", limitavam a ação humana, a transformando em uma atividade autômata e desinteressada. "Foi a máquina automática que fez desaparecer a alegria do trabalho bem feito. A impossibilidade do erro destrói a alegria do acerto ou erro não serão jamais dele, o operário, mas dela a máquina" [58]. A cronista criticava, quase sempre, o processo de desumanização da sociedade de massas, mecanizada, na qual as relações interpessoais se dissolviam e as emoções vitais davam lugar às "enlatadas".

Mesmo contra a esse processo, a escritora percebia, em seus textos, que havia uma lista interminável de avanços tecnológicos, que somadas às facilidades do milagre econômico geravam a proliferação de máquinas nas residências com a promessa de promover o conforto, facilidades e rapidez nas atividades domésticas. Portando, "isso é a suprema aspiração do homem na sociedade de consumo. A descoberta da prestação lhe permite adquirir todas as maquininhas que supostamente devem fazer tudo em lugar dele [...]" [59]. Segundo a escritora Rachel de Queiroz, as facilidades de crédito levavam às regalias do progresso até para as zonas rurais e periféricas, em menores proporções. Afinal, para que as pessoas sobrevivam na sociedade moderna, "qualquer que seja sua classe, suas personalidades necessitam assumir a fluidez e a forma aberta dessa sociedade. Homens e mulheres modernos precisam aprender a aspirar à mudança"[60].

A desconfiança de Rachel de Queiroz, frente ao mundo modernizado, fez a escritora ponderar que um dia o homem disputaria seu próprio espaço com as máquinas. Afinal, ela estava cada vez mais presente no cotidiano dos complexos urbanos e as pessoas dependiam delas para executar as atividades mais simples. Dessa forma, a escritora concluiu que "a máquina é o nosso dono, é o dono do nosso rebanho, e como tal nos aloja, nos alimenta e , acima de tudo, nos mata"[61]. Dessa forma, podemos perceber que os avanços científicos e tecnológicos, ao invés de gerar estabilidade e segurança, estariam promovendo uma ansiedade questionadora do próprio progresso, que não inspirava confiabilidade. Fato semelhante ao "Frankenstein de Mary Shelley", figura mítica, que nos faz refletir como os poderes humanos, através da tecnologia e racionalidade, desencadeiam poderes demoníacos que irrompem de maneira irracional para além do controle humano.

Essa reflexão é muito bem ilustrada em *Vida Segura*, no qual a cronista ponderou que vivíamos em uma soberba, achando-nos protegidos pelas conquistas da ciência e da técnica.

[58] QUEIROZ, Rachel de. Máquinas. *O Cruzeiro*. 29/07/67. p. 122.
[59] QUEIROZ, Rachel de. Sociedade de consumo. *O Cruzeiro*. 05/09/73. p. 130.
[60] BERMAN, Ibidem, p. 119.
[61] QUEIROZ, Rachel de. A besta de ferro. *Diário de Pernambuco*. 16/04/1973. p. 3.

Contudo, a modernidade gerava consequências que ampliavam o risco de sobrevivência nas grandes cidades. "Não sei; não digo nos tempos antiguíssimos, mas nos tempos razoavelmente antigos a vida era bem mais segura" [62]. No texto de nome bastante significativo, *As Máquinas e a Morte*, lamentou um acidente aéreo no Ceará, que vitimou 137 famílias, corroborando a tese da escritora de que a mecanização da vida não era nada confiável, diante das transformações que se efetivavam. "[...] claro que as máquinas também morrem. Dando-lhes vida, nós lhe transmitimos também nossa mortalidade. O homem moderno tem uma confiança ingênua e petulante em tudo quanto é máquina" [63]. Dessa maneira, Rachel de Queiroz afirmou que junto com as máquinas, o homem desenvolveu o perigo, daí em diante, a cadeia de invenção não teve fim e os riscos cresceram na mesma proporção até chegar a uma sofisticação tal que não conseguia mais se desvencilhar dela. A fim de finalizar a publicação, a autora fez uma comparação que se afigurava ao pacto feito entre Mefistófeles e o Fausto de Goethe, qual em troca de inúmeras possibilidades de realizações na terra, o jovem cientista prometia servir ao demônio no inferno. Vejamos:

> O homem se entregou à máquina de modo irreversível e hoje não se concebe a vida sem elas. Mas na verdade o que ele fez foi o velho pacto com o diabo. O diabo nos dá riqueza, força, velocidade, um poder tão alucinante, o orgulho diabólico de nos julgarmos deuses – pois não fazemos tudo que Deus faria? Mas de repente chega a hora das contas, o diabo cobra sua parte e tudo desaparece, num estouro[64].

Outro aspecto inerente ao progresso presente nas crônicas rachelianas era o referente às preocupações ecológicas, O período da Ditadura Militar no Brasil, como já vimos, especialmente graças à modernização conservadora, ocasionou o inchaço dos centros urbanos, favelização nas grandes cidades, desestruturando demograficamente várias regiões, ampliando o número de carros em circulação, provocando inúmeros desequilíbrios ecológicos. Em Automóveis, Rachel de Queiroz falou sobre a poluição provocada pelos motores de explosão que secretavam grandes quantidades de gás carbônico nas cidades, comprometendo a qualidade do ar.

A solução encontrada pela escritora, para escapar da dependência dos equipamentos eletrônicos e mecânicos no mundo moderno, estava na crônica *SPCCMM*, que significava Sociedade Protetora da Criatura Contra Máquina e a Metrópole. Rachel de Queiroz, sufocada com a vida cada vez mais "repugnantemente artificial e cibernética", pregava uma condição de existência alheia à velocidade, onde se pudesse caminhar lentamente e contemplar a natureza. Dessa forma, ela ditou as principais exigências a fim de fazer parte da associação:

[62] QUEIROZ, Rachel de. Vida Segura. *Diário de Pernambuco*. 28/06/1977. p. 3.
[63] QUEIROZ, Rachel de. As máquinas e a morte. *O Povo*. 20/06/1982. p. 4.
[64] QUEIROZ, op.cit., p.4.

> Não gostamos de máquinas desde a máquina motor de explosão à máquina submarino atômico. Não gostamos de cidades grandes, nem suas pompas, nem suas obras. Seus altos edifícios feitos inteiramente fora da escala da pessoa humana, suas avenidas destinadas unicamente ao tráfego alucinado dos monstros de rodas, seus viadutos, seus bilhões de igualmente estúpidas toneladas de asfalto. Sua falta de árvores, de flor, de passarinho. Sua robotização progressiva e inexorável[65].

Os argumentos de Rachel de Queiroz, quanto à efemeridade das obras que representavam o progresso, se assemelhava bastante com a conhecida máxima marxista, "tudo que é sólido desmancha no ar". Segundo Marx, mesmo "as mais belas e impressionantes construções burguesas e suas obras públicas são descartáveis, capitalizadas para rápida depreciação e planejadas para se tornarem obsoletas" [66]. A escritora estudada, compartilhando dos mesmos argumentos, acreditava que todas as modernidades criadas e postas no mercado pelo homem, seriam substituídas por mercadorias, cada vez mais lucrativas. Dessarte, na crônica *Obsolência*, a autora ressaltou que a obsolescência é um traço comum das sociedades condenadas às obras artificias, nas quais os sujeitos imolaram sua esperança de sobrevivência, abandonando o suor do trabalho com o objetivo de virar mágico e subjugar as forças naturais. Sendo assim, ela dizia que:

> Acho que a antiga simbologia dos pactos com o diabo já traduzia a essência de todas as conquistas modernas. O sócio do demônio obtinha tudo – riquezas, poder, palácios. Mas, chegando o prazo, satanás levantava a mão, e tudo virava fumaça sem deixar vestígio[67].

Em *Ecologia*, a cronista fala que as preocupações ecológicas cresceram após a 2ª Guerra mundial e o lançamento das bombas atômicas, em um momento em que já havia uma perda inseparável da camada atmosférica e a destruição da flora que já prejudicava a sobrevivência do reino animal. Essa preocupação já chegou de forma tardia no Brasil, se comparada aos países mais desenvolvidos. Então, "a ideologia do progresso dominante tinha como certo que o crescente domínio da natureza pelo homem era a medida mesma do avanço da humanidade" [68]. À vista disso, a autora aconselhou:

> O fundamental, parece, é descobrir-se um ponto de coexistência pacífica que garanta a sobrevivência do ambiente natural da Terra e a existência do homem civilizado; civilização essa que depende, em razão direta, da depredação, da alteração, do saque e do atentado contra o meio natural. Pois as maravilhosas cidades e máquinas e computadores, e naves espaciais e toda parafernália da ciência, da técnica e do progresso, só podem medrar e frutificar se escavando minas para obter metais, se perfurando a terra e o leito dos mares para extrair o indispensável petróleo, se arrasando florestas para plantar o grão e criar o gado[69].

---

[65] QUEIROZ, Rachel de. SPCCMM . *O Cruzeiro*. 28/08/74. p. 82.
[66] BERMAN, Ibidem, p. 123.
[67] QUEIROZ, Rachel de. Obsolência . *O Cruzeiro*. 26/05/71. p. 130
[68] HOBSBAWN, E. *Era dos extremos.* O breve século XX – 1914 - 1991. São Paulo: Cia. das Letras, 2015, p.257.
[69] QUEIROZ, Rachel de. "Ecologia". In: QUEIROZ, Rachel de. *As Menininhas e outras crônicas.* Rio de Janeiro: Editor José Olympio, 1976, p.36.

A temática da limitação da vida útil foi retomada em *Descartáveis*, na qual ela fala da predominância de produtos de utilização efêmera na sociedade capitalista. Passando por cima das medidas de segurança, a cronista criticou o "monte de material" que se descartava depois de uma simples aplicação nos hospitais. Desabafou: "Parece que ninguém pensa no desperdício insensato, que esse uso representa" [70]. Assim sendo, pode-se perceber as características do capitalismo, o qual faz com que o imediato parece já chegar desvalorizado e descartado pelo seu mero existir em meio ao fluxo permanente de criações.

Dessa forma, ao longo desse tópico, pudemos perceber uma mulher nordestina que, por vezes, observava encantada os "*Os frutos do progresso*" nas ações de um Executivo que promovia transformações cujas modernizavam o Brasil e davam sinais de desenvolvimento e despertavam o novo *Gosto de Brasil*, mesmo diante de atitudes repressoras e retrógradas. Em outras, a "jovem senhora" que, apesar de alinhar seus textos aos interesses dos ditadores, temia a *Lei da megalópole*, marcada pela excessiva mecanização, os grandes prédios de concreto erguidos, os muros os quais tornavam a vida cotidiana cada vez mais impessoal e rápida, nas grandes cidades, sentia também receio com a dinâmica do capitalismo, o qual criava obras efêmeras, para assim colocar sempre novos produtos no mercado, estimulando o consumo.

[70] QUEIROZ, Rachel de. Os descartáveis. *O Povo*. 05/04/1981. p. 4.